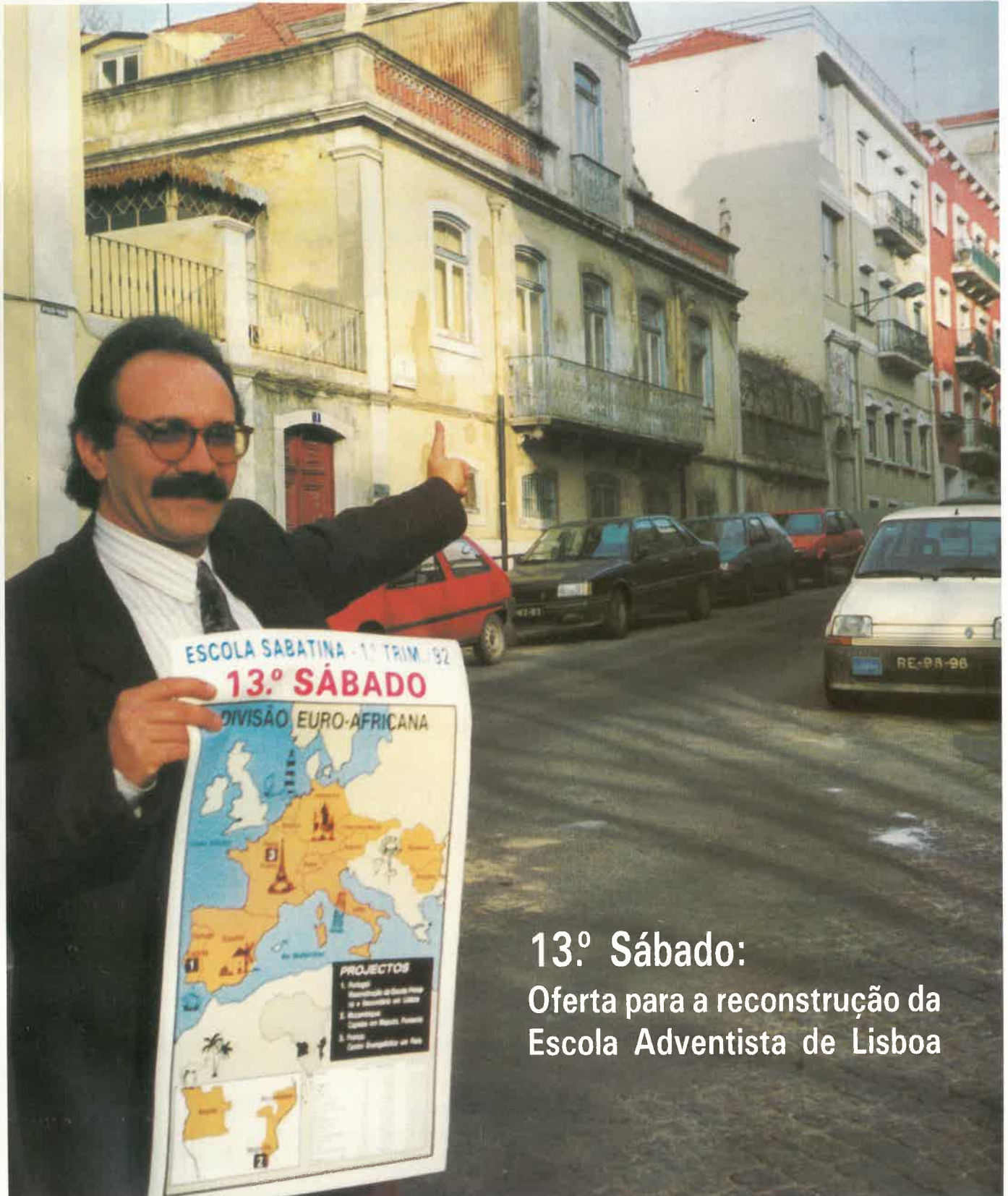


# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Março de 1992



**13.º Sábado:**  
Oferta para a reconstrução da  
Escola Adventista de Lisboa

## NESTE NÚMERO

### 2 Homem, Quem és Tu, Afinal?

Por Maria Augusta Pires

### 3 Uma Oferta Histórica para uma Escola Histórica: 13.º Sábado

28 de Março de 1992

Por Alberto Nunes

### 5 Intercedendo por um Jovem Rebelde

Por John Graz

### 8 Um povo de profecia

Por Hans K. LaRondele

### 9 Juventude

### 14 O Dom de Carlos

Por Maria Rosa Baptista

### 15 A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Sagrada Escritura

Por J. M. Matos

### 18 Ser Dona de Casa: Qual o melhor plano a seguir?

Por Nancy L. Van Pelt

## PENSAMENTO DO MÊS

«Deus dá oportunidades; o êxito depende do emprego das mesmas.»

E. G. White

*Mensagens aos Jovens*, p. 148

## JANELA POÉTICA

# Homem, Quem és Tu Afinal?

Bem desejava possuir inspiração fluente  
Que pudesse, em palavras de justiça e gratidão,  
Exaltar o teu amor sublime, o teu amor ingente,  
Transferindo para os filhos confiança e protecção.

Podes ser rico ou pobre, sempre em teu amor confias.  
Vigoroso amor que te empresta tal força e tal poder  
Que, se preciso for, o mundo inteiro desafias,  
Defrontando o maior perigo p'ra teus filhos defender.

Filhos que são os astros do teu céu original!  
Por eles vivendo te afadigas e o teu vigor se esvai!  
Homem, que vida a outras vidas dás, quem és tu, afinal?

Que transcendente poder em teu vigor sobressai!  
Que força poderosa tão segura e tão real  
Se concentra nesse teu agigantado amor de PAI!

*Maria Augusta Pires*  
Igreja de Queluz

## Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Março de 1992 - Ano L • n.º 540

### DIRECTOR:

J. Morgado

### REDACTORA:

M. R. Baptista

### PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

### REDACÇÃO E

### ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17  
1199 Lisboa Codex  
Telef. (01) 542169

### PREÇOS:

Assinatura Anual 950\$00  
Número Avulso 95\$00

### EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.  
Vale Travelho • Pedreiras  
2480 Porto de Mós  
Telef. (044) 402413  
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



# UMA OFERTA HISTÓRICA PARA UMA ESCOLA HISTÓRICA

13.º Sábado — 28 de Março de 1992

**M**ais de sete milhões de pessoas no mundo, pertencentes à família mundial adventista, ouviram falar, no decorrer do presente trimestre, do Colégio Adventista de Lisboa, cuja reconstrução depende do apoio financeiro mundial que lhe for dado através da próxima oferta do 13.º Sábado, no dia 28 de Março de 1992.

O Colégio Adventista de Lisboa é um edifício em ruínas, e até com perigo para quem ali trabalha e estuda. Os tectos e paredes, em adiantado estado de degradação, não dão muita tranquilidade a quem ali passa os seus dias, estudando e trabalhando. Com efeito, de todas as nossas instituições, esta é a mais necessitada apresenta. Todos os que a visitam ficam impressionados com o seu estado de deterioração, que apela de imediato à sua reconstrução e ampliação.

A escola de Lisboa está muito bem situada e são muitos os que procuram para nela educarem os seus filhos. Já teve mais de 200 alunos e as perspectivas futuras são animadoras. Porque, de facto, o ensino adventista tem sido ali muito bem sucedido e um bom número de famílias não adventistas optaram pela nossa instituição.

O interesse da comunidade e das igrejas adventistas da área criam-nos a obrigação de pôr o edifício do Colégio Adventista de Lisboa em boas condições de funcionamento e de modernização, melhorando assim a imagem da própria Igreja.

## Um Escola Histórica

Esta instituição é também sobretudo merecedora deste esforço por



*Os alunos da Escola de Lisboa agradecem.*





se relacionar com os começos da obra educativa em Portugal.

Efectivamente, foi em Lisboa, no mês de Outubro de 1935, que nasceu a primeira escola adventista em Portugal. Tinha 39 alunos, e foi estabelecida no rez-do-chão daquela que é também a primeira igreja adventista no país, sendo hoje considerada monumento nacional. O aumento de alunos tornou as instalações tão exíguas que obrigaram à aquisição do presente edifício, situado na Rua de Ponta Delgada, n.º 1. É a reconstrução desta escola que se procura

fazer, graças às ofertas da igreja mundial.

Para que a igreja realize plenamente a sua verdadeira missão, é necessário que ela proporcione às suas crianças e jovens uma educação genuinamente cristã, que os prepare para a vida, para poderem cumprir funções altamente sociais. Mas a par deste benefício, as escolas são igualmente um campo evangelístico por excelência, pois muitos alunos se tornaram adventistas, ou se mantiveram na igreja, graças ao ensino que receberam nesta instituição. O seu baptismo e interesse pela igreja levou suas famílias a entrar em contacto com a mensagem adventista. Outros alunos houve que se tornaram mais tarde obreiros da própria instituição, e servem até hoje a obra, em diversos sectores e responsabilidades.

A Escola Sabatina, que mantém em grande parte o programa missionário da Igreja Adventista no mundo, proporciona aos seus membros a oportunidade de contribuírem também para projectos especiais no 13.º Sábado de cada trimestre. Tal é o caso do 13.º Sábado do primeiro trimestre de 1992, em que parte da oferta mundial será dedicada ao projecto de reconstrução da Escola de Lisboa.

É nosso desejo que esta instituição se torne num moderno centro de ensino, e, por isso, apelamos a todos os irmãos e leitores da *Revista Adventista* que unam os seus esforços para promover esta oferta, a fim de que se torne mais fácil atingir o objectivo que temos em vista. Esperamos também que todas as nossas crianças e jovens, professores e escolas, igrejas e crentes, se envolvam numa programação festiva, fazendo desta data uma ocasião única na história da nossa obra educativa em Portugal. Enfim, um décimo-terceiro Sábado que distinguisse as nossas igrejas entre as mais de 70 mil igrejas e grupos adventistas no mundo, fazendo deste Sábado final do trimestre em curso o mais merecido e recompensado de todos em ofertas recebidas. Digamos, uma **oferta histórica para uma escola histórica.**

**Alberto Nunes**

Departamento da Escola Sabatina  
da União Portuguesa



# Intercedendo por um Jovem Rebelde

**DEUS AMA  
O SEU FILHO  
REBELDE E  
DESEJA A SUA  
SALVAÇÃO.  
COMO É QUE A  
IGREJA TRATA  
OS SEUS FILHOS  
MAIS REBELDES?**

## Poupem o Jovem Absalão!

O rei David está inquieto. Do alto das muralhas da cidade, observa o exército inimigo que se aproxima. Mas não é isso o que mais o preocupa. As bandeiras que esvoaçam ao vento não têm as cores dos filisteus. Os soldados que avançam são filhos de Israel. Não é um rei desacreditado que os dirige, mas o seu próprio filho Absalão. E é por ele, o rebelde, que o rei está preocupado.

O combate prestes a travar-se será uma luta sem piedade. O rei está bem ciente disso. Será sangue de Israel que será derramado. Combate trágico. O irmão ferirá a seu irmão, e o pai ferirá a seu filho.

### “Por amor de mim...”

As tropas leais a David desfilam perante ele, prontas a entrar em acção. Porém ele, um antigo e corajoso soldado, não tem senão um pensamento: o seu filho Absalão.

Em vez de exortar os soldados à vingança, à luta pela vitória, ele dirige-se aos seus generais, dizendo-lhes: “Brandamente tratai, por amor de mim, ao mancebo, a Absalão” (II Sam. 18:5). Noutras versões podemos ler: “Poupai-me o meu filho Absalão.”

Que situação! Mais parece sonho ou ficção!. Mas não! É a realidade, porque o que aqueles homens que estão diante do rei vão disputar não é um jogo de rugby, mas um combate de vida ou morte. E vão lutar até à morte para vencer, mas também para salvar a própria vida. Consequentemente, ao envolverem-se em combate, não vão pensar: “Não me posso esquecer de poupar o jovem Absalão. Tenho de estar bem atento para ver em que direcção lanço o meu dardo, a fim de não atingir o jovem Absalão!”

David, famoso guerreiro, devia saber melhor que ninguém que isso era praticamente impossível. Mas não é o guerreiro que fala. É um pai cujo coração está cheio de apreensão e de pena pelo seu filho rebelde.

Coisa estranha! Não foi David traído? Humilhado? Não será um pouco tarde demais para sentir pena? Não! Para ele, Absalão, o filho rebelde, é ainda o filho que ele não quer perder.

A Bíblia descreve-nos esta tragédia com impressionantes detalhes, como que querendo dizer-nos: “Atenção! Isto também vos pode acontecer, a vós, pais, no vosso relacionamento com os vossos filhos; a vós, igrejas, nas vossas relações com os vossos jovens.”

## O Jovem Absalão Está no Nosso Meio

De uma certa maneira, o jovem Absalão está hoje ainda no nosso meio. A tragédia continua. Ele está connosco, mas não se sente feliz. O seu coração está cheio de amargura. Ele rejeita a sociedade que formamos, porque conhece as suas lacunas e a sua hipocrisia. Está revoltado, e em breve nos abandonará.

A tragédia continua, porque todos os anos há filhos da igreja que nos deixam, que desaparecem. Para muitos não haverá nunca regresso, e isso é um verdadeiro drama. Que aconteceu? Ainda ontem eles estavam connosco, e hoje já partiram. Muitas vezes aceitamos esta situação como uma espécie de fatalidade.

Mas porque é que esses jovens chegaram a esse ponto? Eles estudaram a Bíblia, cantaram os nossos hinos, oraram e, ainda mais, cresceram no nosso meio. O que é que falhou? O que é nós deveríamos ter feito?

## O Itinerário da Revolta

Porque é que o jovem Absalão se tornou um rebelde? Por ambição, orgulho, pelo prazer do poder? Talvez! Mas se ele fosse assim tão mau, teria David ficado tão perturbado? Absalão nasceu em 1007 a.C. e era o terceiro filho de David. Sua mãe era filha de um rei. Este jovem tinha uma irmã muito bonita, cujo nome era Tamar.

## Tudo Começou por uma Violação

Tudo vai começar por um drama palaciano. O filho mais velho de David, Amnom, viola e desonra a princesa Tamar, sua meia-irmã; Absalão fica transtornado. Uma violação é um crime. Ele recolhe em sua casa a irmã. De acordo com a lei (Deut. 22:28-29), Amnom deveria ter casado com Tamar, mas recusa-se a fazê-lo. David, apesar de ter ficado chocado, não toma nenhuma decisão.

O crime não é punido e Tamar fica deson-

rada para sempre. Podemos questionar-nos acerca do motivo que levou David a ficar passivo, quando ele fora sempre o primeiro a lutar pela justiça e a defender e apoiar os mais fracos. Ele, em quem o povo via um dos seus, porque não reagiu com uma severidade exemplar?

Porque também ele tinha cometido um crime que não fora punido diante da lei. David matara um dos seus melhores lugar-tenentes, o corajoso Urias, para ficar com a sua mulher, e todo o palácio estava ao corrente dessa situação. A lembrança desse crime perseguia-o constantemente e paralisava o seu raciocínio. Fora essa a razão que o levava a não encontrar em si a autoridade necessária para exercer a justiça contra o seu filho Amnom. Talvez David tenha pensado que esta trágica história se poderia resolver no âmbito da família.

Quantas tragédias no seio das famílias são também abafadas deste modo? Crianças violadas, espancadas, que durante toda a sua vida transportarão essas terríveis marcas! Quantas se recusarão? Muito poucas, dizem os psicólogos. Quantos crimes ficarão assim impunes, só para evitar o escândalo? Mas o que perturba a família, cedo ou tarde perturbará a sociedade.

“A injustiça não é nada, se a conseguirmos esquecer”, dizia Confúncio. Absalão não tinha esquecido e por isso decidiu vingar sua irmã. Como? Assassinando Amnom. Claro que ele estava errado, porque não há nada que possa justificar o crime, mas o rei também é culpado, porque cometeu uma grave injustiça. Como escreveu o filósofo Lacordaire: “A injustiça atrai a injustiça; a violência gera a violência.”

### **A Injustiça é Sempre um Drama**

Quer sejamos adultos, ou jovens, ficamos sempre revoltados perante uma injustiça e esta ainda se torna mais insuportável quando aquele que a cometeu está consciente disso, ou a faz respeitar. Para uma criança, uma injustiça cometida pelos pais, pelo seu professor, pelo pastor ou até mesmo por um polícia, não tem o mesmo significado que a que é cometida por uma outra criança, à excepção, claro está, do seu melhor amigo. Para essa criança,

a injustiça é algo de incompreensível, de profundamente perturbador. É como se o mundo, sobre o qual procura afirmar-se, começasse a oscilar de repente. Como é que poderá acreditar ainda na verdade e na justiça? Como é que poderá confiar naqueles que são responsáveis por fazer respeitar essa justiça, uma vez que foram apanhados em flagrante delito de injustiça? Tal constatação é ainda mais revoltante quando um jovem tem o sentimento de que não pode fazer nada para a corrigir. Quem acreditará nele, ou quem o ouvirá? Que peso terá a sua palavra contra a de um adulto mentiroso, culpado?

É este sentimento de injustiça, acompanhado de outro sentimento — o de impotência na resolução da situação — que pode levar a soluções extremas. Há muitos mais jovens do que possamos imaginar que deixam a igreja porque foram vítimas, ou testemunhas, de uma injustiça. Para eles é sempre um drama. “Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça”, escrevia o profeta Jeremias (22:13).

### **Ele Observa-nos**

Na qualidade de pais, ou de membros de igreja, o facto de falarmos de Deus, de participarmos nos serviços religiosos, de aí levarmos os nossos filhos, deixa-nos expostos aos seus olhos. Somos modelos para eles. Na realidade, nós pedimos-lhes que aceitem as nossas convicções como se vestissem um fato. Mas o problema é que se trata do nosso fato, não do deles. E para os nossos filhos, isso nem sempre é evidente, nem fácil. Eles precisam de certezas. Por isso, observam-nos, confrontam o nosso discurso com os nossos actos. Na maior parte das vezes, tal confrontação está contra nós. Porquê? Porque acontece sermos injustos, enganarmos-nos e até mesmo agirmos com uma certa hipocrisia.

### **Nem Tudo Está Perdido**

Por causa de uma injustiça, Absalão está revoltado. Mas nem tudo está perdido. Nós não somos perfeitos, mas os jovens são capazes de entender isso, desde que nós mesmos o reconheçamos. Como o fez o grande apóstolo Paulo, que escrevia aos cristãos de Roma: “Porque não faço o bem que que-

ro, mas o mal que não quero, esse faço” (7:19).

### **A Porta Ficou Fechada Demasiado Tempo**

David poderia ter reconhecido os seus erros, e Absalão os seus. A reconciliação poderia ter acontecido. Infelizmente, após três anos de exílio, Absalão recebe a autorização de regressar a Jerusalém, mas a porta do rei é-lhe fechada. Seu pai recusa-se a encontrar-se com ele. Dá a seguinte ordem aos seus servos: “Torne para sua casa, e não veja a minha face” (II Sam. 14:24).

Saberia David que o jovem rebelde tinha necessidade de se encontrar com ele, de ver o seu rosto, de poder exprimir as suas mágoas, de tentar viver novamente em boa harmonia? “Para que vim de Gesur? Melhor me fora estar ainda lá. Agora, pois, veja eu a face do rei; e se há ainda em mim alguma culpa, que me mate” (14:32). Para se encontrar com o seu pai, Absalão é obrigado a comportar-se como um vadio. Faz lançar fogo ao campo de cevada do capitão dos exércitos de David. Uma provocação, um escândalo, uma situação que podia desencadear de novo um ajuste de contas e, em simultâneo, pôr em causa a estabilidade política do reino. As pessoas não agem hoje de maneira diferente. Para se ser ouvido pelas autoridades, é muitas vezes preciso agir de modo provocatório. Fazer parar comboios e metropolitanos, pouco importam os passageiros, pouco interessam as estradas inteiras, pouco interessam os automobilistas que se deslocam para os seus empregos, queimar edifícios públicos, que importam os contribuintes, fazer explodir bombas, que importam as vítimas. As nossas autoridades ficam sempre indignadas, mas acabam sempre por ceder.

David cede, mas é demasiado tarde. Após cinco anos de separação, o coração do filho está endurecido. Ele tem a certeza de que não tem muito valor aos olhos de seu pai, apesar de ser agora o filho mais velho. Apesar de ser inteligente, popular, jovem e belo, correm rumores de que o futuro rei será o seu meio-irmão mais novo. Mais uma exclusão. Então, da revolta, Absalão passa à rebelião. Organiza um golpe de estado.

## Pensar nas Ocasões Perdidas

Quando Absalão fugiu de Jerusalém, descalço, rosto coberto e acompanhado de um punhado de fiéis, David pensava na sua responsabilidade neste drama e nas ocasiões perdidas. Ele, que nos seus poemas escrevera: “Ouve-me quando eu clamo, ó Deus da minha justiça” (Salmos 4:1). Terá ele estado atento à angústia do seu filho? Tê-lo-á escutado? Tê-lo-á ajudado a ultrapassar os anos de crise? Esta ideia vai persegui-lo até ao fim daquele combate fatal. Ele queria tanto recuperar o tempo perdido, falar frente a frente com o seu filho, ouvi-lo, esclarecer as suas dúvidas, os seus temores, as suas revoltas, dizer-lhe: “O que é que não está bem? O que é que significa esta guerra entre nós?” Esta é a razão porque ele dá aos seus soldados esta surpreendente ordem: “Calma com o jovem Absalão. Paz para o jovem Absalão.”

Encontramos nestas palavras toda a ternura de Deus para com o homem revoltado, o amor do Senhor para com a ovelha perdida.

Gostaria que nós, na condição de cristãos, manifestássemos a mesma compaixão para com os jovens que nas nossas comunidades atravessam um período de crise e estão prestes a deixá-los.

## Se Eu Tivesse Podido Falar

Inconscientemente, David tinha recusado o diálogo. O diálogo é aquilo de que os jovens mais precisam, sobretudo na idade em que sentem necessidade de afirmar-se como pessoas face ao mundo que se lhes depara. Na idade das dúvidas, das angústias, das revoltas interiores.

Li recentemente um artigo sobre o suicídio dos adolescentes que, como se sabe, é a segunda causa de mortalidade entre os 15 e os 25 anos, na maioria dos países industrializados. Uma fotografia acompanhava este artigo. Mostrava um rapaz sentado no chão, com a cabeça entre as mãos. Por detrás dele e escrito na parede, podíamos ler: “Se eu tivesse podido falar”. Na parte de baixo da fotografia havia este comentário: “O diálogo impossível... um sofrimento tanto mais intransponível por ser silencioso”.

É fundamental que um jovem possa exprimir as suas revoltas, os seus medos, as suas dúvidas, e isso sem correr o risco de ser rejeitado, ou marginalizado. É uma questão de desenvolvimento e de apego à igreja. Pergunto-me, às vezes, se nós, como comunidade cristã, tornamos sempre possível este diálogo, particularmente com os adolescentes ou os jovens em crise.

## Fumando às Escondidas

Tomemos o exemplo de um jovem de 15 ou 16 anos, que fuma, ou, pior ainda, que se droga. O que é que fazemos para ajudá-lo? Penso, claro está, num jovem da nossa comunidade. Como é que as coisas se vão passar com ele? Será que vai vir procurar-nos calmamente e dizer-nos: “Tenho um problema, fumo, ou drogo-me. Podem ajudar-me?” Desejaríamos que ele fizesse uma tal diligência. Estou persuadido de que ele iria obter ajuda. Mas as coisas raramente acontecem assim. Em primeiro lugar, ele aprende a esconder-se, porque, se não for visto, não será apanhado. Resultado: vive o seu drama sozinho, mas salvaguarda as aparências. Se for descoberto, ou se alguém desconfiar, sentir-se-á rejeitado. Tornar-se-á uma espécie de fora-de-lei. Talvez que um dia, no futuro, ele venha a questionar-se sobre uma religião que rejeita os fumadores, os drogados, os homossexuais... resumindo, todos os que necessitam de ajuda. Em contrapartida, se ele puder falar, as possibilidades de ultrapassar a sua crise serão muito maiores.

Na sociedade, a ausência de diálogo e o sentimento de rejeição estão na origem de numerosos suicídios. Todas as estatísticas estão de acordo neste ponto. O mesmo podemos constatar nas igrejas, mas aqui sob o ponto de vista de suicídios espirituais. Jovens, e também adultos, deixam as igrejas porque estão sozinhos, e porque a fraternidade, tão grandemente apregoada, não passa de palavras. Quando as provações se abatem verdadeiramente sobre eles, têm de enfrentá-las sozinhos. Onde estão os irmãos?

## Uma Lição Dramática

A batalha chega ao fim. David, angustiado, aguarda as notícias. Ao men-

sageiro que lhas traz, pergunta: “Vai bem com o mancebo, com Absalão?” (18:29). Será que David não se importa com o desfecho da luta? Terá a vitória tão pouca importância para ele? Ao receber a notícia do trágico final de seu filho, o vitorioso rei “se perturbou”. Refugia-se no seu quarto, rompe em pranto e grita em soluços: “Meu filho, Absalão, meu filho, meu filho, Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!” (v. 33). A palavra filho é pronunciada cinco vezes e dá ênfase ao brado: “Quem me dera que eu morrera por ti”. Quantos pais, confrontados com a morte de um filho, não dirigiram esta oração a Deus! Para David, o poder e a realza representam muito pouco quando comparados com a vida de seu filho. Os elos da carne são mais fortes que os da política.

Se David ainda estivesse hoje conosco, dir-nos-ia certamente: “Meus irmãos, minhas irmãs, nós nunca somos demasiado compassivos para com os nossos jovens, especialmente para com aqueles que atravessam uma crise”.

## O Que Deus É Para Nós

Paciente, aberto ao diálogo, é o que Deus é para nós. “Piedoso e benigno é o Senhor, sofredor e de grande misericórdia. O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras” (Salmos 145:8, 9). Eis como as Escrituras apresentam o nosso Deus e isto desde séculos antes de Jesus Cristo. Ele não mudou. O filho rebelde não deixa, por isso, de ser Seu. Para o salvar, o Senhor foi até ao ponto de dar a Sua vida. Que amor! Terá David compreendido isso? O amor que ele tinha pelo seu filho Absalão era o amor de Deus por nós. A tragédia foi o pecado. E a maior das tragédias, a morte do pecador, a morte do filho. O Senhor quer a salvação do filho rebelde, tal como quer a nossa salvação. É uma prioridade para Ele. É importante que o seja também para nós. O Seu amor deveria incarnar-se nas nossas vidas, viver nos nossos corações. Ele impossibilitará muitas revoltas, acalmará muitas angústias, salvará muitas vidas.

Tradução de I. Miranda

John Graz é director da Juventude da D.E.A.





UM POVO DE  
PROFECIA

PARTE 2

# Para Tal Tempo

## As Bases Proféticas do Adventismo

O foco do despertamento do Advento, tanto antes como depois de 1844, incidia sobre as profecias de Daniel e Apocalipse relativas ao tempo do fim. E foi à luz destas profecias que os nossos pioneiros começaram a desenvolver a sua própria compreensão teológica como um novo movimento na história cristã. Credo que eram um povo especialmente escolhido, empregaram em relação a si mesmos designações tais como, “a igreja remanescente”, “o povo remanescente de Deus”, ou, simplesmente, “o remanescente”.<sup>1</sup>

Através destas designações, eles demonstravam a sua crença de que eram, efectivamente, o segmento final da igreja antevista em Apocalipse 12. João descreve em linguagem simbólica o remanescente fiel da era cristã, vivendo na última geração antes de Cristo voltar: “E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo” (verso 17).

Desde o seu princípio, os Adventistas do Sétimo Dia têm reivindicado que constituem o cumprimento histórico dessa profecia.

### Abordagem Historicista

Surge de imediato a seguinte questão: Como pode ser justificada tal pretensão? Como se pode estabelecer que Apocalipse 12 trata especificamente do fim da era cristã e da crise final dessa mesma era cristã? Em que princípios de interpretação bíblica se fundamentam os Adventistas para determinar o “tempo do fim” das profecias apocalípticas de Daniel (Dan. 8-12)? E quais são, essencialmente, as implicações dessa teologia remanescente?

A interpretação tradicional das Igrejas Protestantes aplica as profecias de Daniel e Apocalipse à história de Israel e à igreja cristã; e William Miller adoptou esta abordagem. Foi com base neste método protestante histórico (como é devidamente chamado), que os Milleritas associaram o “tempo do fim” de Daniel à Revolução Francesa e ao subsequente cativeiro do papa, em 1798. Além disso (e isso era um ponto crucial para eles), a ponta pequena de Daniel 8 era identificada com Roma nas suas fases pagã e papal.<sup>2</sup>

Os Adventistas observadores do Sábado herdaram esta abordagem historicista às profecias apocalípticas de

Daniel e Apocalipse — o mesmo método que seguiram os Pais da Igreja, os Reformadores e Comentaristas Protestantes, desde o século dezasseis. Estes primeiros dirigentes da igreja tinham todos aplicado as profecias apocalípticas à história do povo do concerto de Deus através dos séculos, desde o tempo de Daniel até ao segundo advento de Cristo. E esta abordagem tradicional veio a ser conhecida como a “interpretação protestante padrão”.<sup>3</sup>

A visão de Daniel, de quatro impérios mundiais consecutivos, era invariavelmente reconhecida, tanto pelos Judeus como pelos comentadores cristãos que seguiam este método de interpretação, como apontando (em sequência) para Babilónia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.<sup>4</sup>

Esta interpretação de uma sucessão ininterrupta de poderes mundiais identifica Roma imperial como sendo o quarto poder mundial a ter domínio sobre o povo escolhido de Deus, desde os dias de Daniel. Roma dominou desde 168 a.C. a 476 d.C., e perseguiu não apenas os Judeus, mas também os Cristãos, até que o imperador Constantino adoptou oficialmente o cristianismo como

Hans K. LaRondelle



# Juventude

N.º 5 — MARÇO 1992

PÁGINAS DEDICADAS AOS JOVENS, TIÇÕES, DESBRAVADORES E COMPANHEIROS DAS IGREJAS ADVENTISTAS EM PORTUGAL

## Unimagos: Acampamento em Salvaterra de Magos

Numa manhã tranquila, de Outubro de 1991, favorecidos por um clima atmosférico extra-sazonal, dádiva de Deus, dava-se início a mais um encontro de juventude e amizade: o **Acampamento Unimagos IV**.

Uma vez mais, o Açude de Agolada, em Coruche, foi palco de uma tão grande manifestação de jovens, totalizando 200 em campo. Vindos de várias vilas e cidades do nosso país, perfaziam um total de 16 clubes, tendo-se registado a presença de dois clubes estreatantes: Mira d'Aire, com nove jovens não adventistas, dirigidos pelo casal Quim e Ana; Paio Pires, com doze jovens, também não adventistas, dirigidos pelo casal Rogério e Nice Baltazar.

Outros clubes, já habituais, honraram-nos uma vez mais com a sua presença: Algarve, Almada, Amadora, Baixa da Banheira, Barreiro, Cascais, Coimbra, Lisboa-central, Leirira, Odivelas, Oliveira do Douro, Rio Maior, Salvaterra de Magos e Setúbal. O clube de Lisboa-Central foi o mais representativo, com 25 jovens, dos quais um quarto eram jovens não adventistas. Aproveitamos esta oportunidade para dar as boas-

-vindas e agradecer a presença do nosso amigo "Bisonte" (Álvaro Torre), e sua simpática esposa.

No decorrer deste encontro, tiveram lugar várias actividades, algumas das quais tiveram momentos muito significativos. Registamos a abertura oficial do acampamento com a apresentação dos grupos presentes e um desfile de trajes regionais dos locais de onde cada um provinha.

O festival de cânticos de campo teve como vencedor o clube de Setúbal, com um hino cujo tema era: "Companheiro", letra e música de João Parreirinha; em segundo lugar ficou o clube de Odivelas, com o tema: "Já não sou eu que vivo", com letra e música de Luís Freire; em terceiro lugar ficou o clube de Lisboa Central, com um tema sobre a natureza e Jesus, com letra e música de Álvaro Torre.

No sábado, após as actividades espirituais da manhã, dirigidas pelo Pr. Rogério Fernandes, fomos a Coruche fazer um programa especial. Às 15h00 iniciou-se um rastreio de hipertensão arterial, onde esteve presente o Presidente da junta de freguesia. A seguir, guiados pelo sr. Aníbal Mendes,

do pelouro da cultura da Câmara Municipal de Coruche, visitámos os principais sítios históricos da vila de Coruche, que muito apreciámos e agradecemos.

Mas outras actividades marcaram este dia, como, por exemplo, a cerimónia de investidura realizada ao serão e dirigida pelo Pr. Rogério Fernandes, coadjuvado pelos líderes presentes: Emanuel Sacramento, Álvaro Torre, Marco Modesto e Rogério Baltazar. O jovem Rodrigo de Almada, a Miriam e a Natacha do Barreiro tiveram a oportunidade de fazer o seu voto de fidelidade a Deus e de receber o seu lenço. Também tivémos alguns jovens que fizeram a promessa de Companheiros: Vanda, de Coimbra, Zita Oliveira, de Salvaterra de Magos, e o Bruno Modesto, de Almada. A cerimónia terminou com a consagração de dois jovens muito nossos conhecidos, que têm um futuro muito promissor no trabalho com a juventude: o Beto Monteiro, da Amadora, e o Jorge Machado, de Salvaterra de Magos. Este último fez também o seu exame de líder.

Ainda durante o serão pudémos assistir a uma reunião social bem animada, dirigida pelo jovem Daniel Spencer, na qual alguns jovens tiveram uma participação activa.

No domingo, após as actividades desportivas e recreativas, com provas de natação, construção de jangadas, baseball, voleibol e futebol, chegámos à nossa última reunião, que foi a cerimónia de encerramento e esteve a cargo do Pr. Rogério Fernandes, que apresentou um tema espiritual baseado na parábola do filho pródigo.

Feitos os habituais agradecimentos aos presentes, que contribuíram para o êxito do Unimagos IV, chegou o momento da despedida. A responsabilidade da organização de próximos encontros do género foi entregue ao clube de Desbravadores de Salvaterra de Magos, na pessoa do seu dirigente Jorge Machado.

**Rogério Baltazar**  
Salvaterra de Magos

## 4.º Aniversário dos TDC de Viana do Castelo

*O Dr. Alberto Pereira da Silva rasgou o coração dos jovens com o lema: "Os Jovens e a Sua Missão"*

A igreja adventista de Viana do Castelo, no dia 2 de Novembro de 1991, vestiu o seu fato de gala para receber os seus convidados, visitas e jovens, que festejaram o 4.º aniversário dos TDC de Viana do Castelo.

O ponto alto do programa foi a mensagem do culto que o nosso irmão, Dr. Beto, de Coimbra, dirigiu aos jovens, a qual tocou

bem fundo nos nossos corações e fez deslizar imensas lágrimas na face dos presentes.

Neste dia, houve ainda espaço para duas cerimónias de investidura: a Yolanda, Tição, e a Joana, Desbravadora, entram assim nas fileiras da Juventude Adventista de Viana de Castelo.

**Álvaro Bastos**  
Colportor-evangelista



## Viana do Castelo: Jovens em Acção

A Festa de Natal Para os Trabalhadores da Artangola, em Esposende, foi motivo para avançar na "Missão Global"

A juventude adventista de Viana do Castelo fez este ano uma experiência muito positiva ao realizar a festa do Natal em Esposende (21 de Dezembro), para os trabalhadores da fábrica de mármore Artangola. O seu proprietário, sr. Sacramento Pereira, já conhecedor da mensagem adventista desde Angola, quando os irmãos Carvalhido lhe sugeriram esta iniciativa, aceitou-a e acarinhou-a com imensa alegria.

Nessa tarde de sábado, a alegria transbordou nos rostos dos

presentes, e o coração ficou cheio das bonitas mensagens deixadas pelos jovens da igreja de Viana do Castelo, pelo Pr. Ezequiel Quintino e irmão da igreja adventista de Vila do Conde.

Que em 1992, todos juntos e unidos, possamos trabalhar com muita fé e esperança nesta grande Missão que todos temos de realizar, que é a "Missão Global". Maranata.

**Álvaro Bastos**  
Colportor-evangelista



## Ponte de Sor: Tições são Notícia

"Da boca da crianças e dos que mamam Tu suscitaste força"

Esta passagem de Salmos 8:2 é absolutamente verdadeira, quando presenciamos o que se passou no dia 14 de Dezembro em Ponte de Sor e em 21 do mesmo mês, em Monte da Pedra.

Tem sido particularmente difícil chegar até às gentes destas paragens alentejanas, sobretudo aos adultos, mas pela graça de Deus, temos um bom grupo de Ti-

ções, com o qual a irmã Helena Marques tem desenvolvido um sem-número de actividades. Entre elas conta-se a Festa de Natal de 1991, a que assistiu um grande número de visitas, coisa rara para a igreja de Ponte de Sor.

Entre amigos, pais das crianças e convidados, a igreja encontrava-se praticamente cheia. Foi uma boa oportunidade para, atra-



vés destas crianças, levar a todos os presentes a força da mensagem das Boas-novas da Salvação.

Não querendo deixar escapar a vontade dos nossos Tições (e, verdade seja dita, o nome não é muito aceite nestas paragens, pois significa: criança travessa e mal educada), pedimos para apresentar o programa no Lar para a Terceira Idade da Comenda, conforme desejo da igreja local. No entanto, não obtivemos a pretendida autorização por parte da administração do mesmo.

Foi no lar para a terceira idade do Monte da Pedra que tivemos a maior receptividade, e as-

sim, uma semana depois de apresentar a festa de Natal em Ponte de Sor, pudemos fazer o mesmo no Monte da Pedra.

No final do programa, sentimos muita emoção, ao vermos aqueles velhinhos com lágrimas nos olhos despedirem-se dos nossos Tições, agradecendo por se terem lembrado deles.

Possa o nosso bom Deus desenvolver o fruto do trabalho realizado por estas crianças. A todas elas e a quantos as incentivaram o nosso muito obrigado e que Deus os abençoe.

**Daniel Vicente**  
Igreja de Ponte de Sor

## Porto, Freguesia do Bonfim: «Natal Amigo»

«Devemos sentir agora a nossa responsabilidade de trabalhar com intenso ardor, a fim de comunicar a outros as verdades que Deus nos tem revelado para o tempo actual» (*Evangelismo*, p. 16).

Os jovens da igreja do Porto, conscientes do dever que lhes foi confiado na evangelização, buscam métodos de evangelismo. Para tanto, com a participação de 60 jovens (tições, desbravadores,

companheiros e seniores), levaram a efeito, de 7 a 22 de dezembro de 1991, um projecto que denominaram «NATAL AMIGO».

Alguns objectivos deste projecto eram: proporcionar aos jovens um meio de formação pessoal e social; sensibilizá-los para a necessidade de serem solidários; recolher bens das famílias com mais possibilidades e distribuí-los às mais carenciadas; realizar uma Festa de Natal para







as famílias visitadas; criar nos jovens participantes um espírito de serviço, testemunho e acção, entre outros.

Assim, dentro deste espírito de trabalho, os jovens fizeram a recolha de bens (vestuário, alimentos, brinquedos e medicamentos) durante o período de 7 a 20 de Dezembro em grupos de 4 a 6 elementos, em áreas da Freguesia previamente seleccionadas pelas Assistentes Sociais, e procederam à distribuição no dia 22, abrangendo 25 famílias das mais necessitadas. De referir que cada um dos 8 grupos era composto por um tição, um desbravador, um companheiro e um jovem vestido com fato de «Pai Natal».

A participação dos habitantes, bem como dos comerciantes da Freguesia, na generalidade, foi superior às expectativas, a tal ponto que foi possível oferecer ainda roupas, medicamentos e bolo-rei a um lar de terceira idade da Santa Casa da Misericórdia.

Todo este projecto foi amplamente noticiado em diversas rá-

dios da cidade, assim como num dos jornais diários mais lidos, *O Comércio do Porto*. A Câmara Municipal do Porto, através do pelouro da acção social, subsidiou o projecto. A Junta de Freguesia do Bonfim deu-nos todo o apoio logístico e colocou um veículo à nossa disposição para a recolha dos bens. Uma tipografia da referida freguesia ofereceu-nos os folhetos de divulgação e os convites para a festa de Natal. É também de salientar a importância da contribuição da nossa União nesta acção. A todas estas entidades desejamos expressar o nosso sincero agradecimento pelo apoio concedido, sem o qual não teria sido possível a realização do «**Natal Amigo**».

Os jovens da igreja do Porto atingiram o seu objectivo e certamente sentiram que, ao trabalhar em prol dos outros, se enriqueceram a si próprios. Todo o empenhamento é pouco quando se trabalha para uma causa tão nobre.

**Gracinda Moura**  
Igreja do Porto

## Programa das Actividades das Várias Zonas

### ZONA NORTE

#### MARÇO

- 7 a 14 Semana de Oração dos Jovens
- 14 Concurso Bíblico — Fase Final

#### ABRIL

- 16 a 19 Acampamento Regional

#### MAIO

- 10 Encontro Ideal Jovens 92

#### JUNHO

- 6 Festival do Hino do Desbravador

### ZONA CENTRO

#### MARÇO

- 7 a 14 Semana de Oração dos Jovens
- 14 Dia da Juventude Adventista (em cada igreja)
- 21 Dia do Desbravador — V. N. Monsarros

#### ABRIL

- 18 Dia do Tição — Arganil
- 17 a 19 Olimpíadas — Pamplona (Espanha)

#### MAIO

- Rally-Paper — Aveiro

#### JUNHO

- Jogos Aquáticos Para Tições  
Responsável: Jorge Branquinho
- Jogo de Orientação para Desbravadores e Companheiros  
Responsável: Beto Pereira da Silva

### ZONA DE LISBOA

#### MARÇO

- 7 a 14 Semana de Oração dos Jovens  
S.O.S. Amizade

#### ABRIL

- 17 a 19 Acampamento Regional de Desbravadores e Companheiros

#### MAIO

- 1 a 3 Acampamento Regional de Tições
- 23 Congresso dos T.D.C., no Barreiro

#### JUNHO

- 14 Aquasport

### ZONA DO ALGARVE

#### MARÇO

- 29/2 a 1/3 Passeio à Serra da Estrela
- 7 a 14 Semana de Oração dos Jovens
- 22 Saída Pedestre

#### ABRIL

- 17 a 19 Acampamento Regional I
- 18 Dia do Tição

#### MAIO

- 1 a 3 Acampamento Regional II  
Jogos Tradicionais Portugueses
- 16 Investidas — Baptismos
- 30 Programa Angolano
- 23 Congresso Regional JAP

Salientamos a realização, a nível nacional, do 3.º Decato "À Nossa Maneira", de 1 a 3 de Maio, em Aveiro.

## Comemoração do Dia Mundial do Não Fumador nas Caldas da Rainha

Planeado na reunião dos responsáveis do Departamento de Jovens (convocada pelo departamento de Jovens da União), no início de 1991, este dia foi uma verdadeira surpresa para a cidade de Caldas da Rainha. Uma grande ambição se concretizava: juntar regionalmente a força viva da igreja para acções de rua de grande impacto.

Várias igrejas responderam ao apelo e com os jovens de Caldas concretizaram a totalidade do programa previsto.

Foi assim que a cidade foi surpreendida após uma manhã chuvosa por uma tarde soalheira. Depois do almoço enquanto decorria o "cardio-teste", os jovens agruparam-se numa grande acção pelas ruas da cidade, distribuindo mais de 10.000 folhetos.

**JOVENS SEM TABACO** marcaram o dia desta cidade do Oeste português. Com a conferência do Dr. Emanuel Esteves, seguida de um concerto do Grupo "Paz", encerrámos com chave de ouro este tão grande dia de testemunho.

A todos quantos se disponibilizaram para esta acção, desde já o nosso agradecimento, esperando que outras ocasiões se sigam onde juntos poderemos continuar a obra do Mestre.

**Alexandra Henriques  
e Mário Jorge**

Igreja de Caldas da Rainha

### Estatísticas

- Cardio-testes: 123
- Medições de Tensão Arterial: 140
  - 56,9% Homens
  - 41,4% Mulheres
  - 12% Fumadores
  - 40 Hipertensos
- Idade Média: 50 anos

### Realização:

Departamento de Jovens JA

### Entidades Apoiantes:

- Visar — Câmara Municipal
- Centro Hospitalar de Caldas da Rainha
- Polícia (P.S.P.)



## Como os Jovens do Cadaval se associaram à Comemoração do Dia do Não Fumador

Na semana antes do dia 17 de Novembro, recebemos um programa sobre a «marcha da temperança» nas Caldas da Rainha para comemoração do Dia do Não Fumador e imediatamente desejámos participar. Todavia, era evidente que não havia a menor possibilidade humana de resolvermos a questão dos transportes. Orámos ao Senhor e colocámos tudo em Suas mãos, tentando, pelo nosso lado, envidar esforços para arranjarmos uma solução.

Uma ida à Câmara Municipal para tentar providenciar um meio de transporte — indispensável para a nossa participação — não daria o resultado esperado, porque as audiências aos munícipes são às quartas-feiras e os autocarros são cedidos mediante carta escrita com três semanas de antecedência. Mesmo assim, decidimos avançar, confiando em que Deus abria uma porta.

Quando chegou a nossa vez de apresentarmos ao Vereador que nos atendia o objectivo da nossa visita, mostrámos-lhes o programa em que desejávamos participar e pedimos-lhe para o ler, o que ele fez de imediato. E terminada a leitura, explicámos qual era o nosso problema. Mas ele adiantou-se-nos e disse:

— Escreva já uma carta à mão e peça os 22 lugares e entregue-me essa carta imediatamente,

porque não há tempo a perder. Espero poder ter a resposta amanhã.

O nosso coração vibrou de alegria, pois víamos que o Senhor estava conduzindo todo este assunto e antevíamos a resposta positiva que íamos receber.

E assim foi. No dia seguinte, às 16 horas, recebemos a resposta positiva da Câmara.

No dia 17, lá fomos com 13 crianças e 9 adultos e participámos de todo o programa. Duas das senhoras que nos acompanharam, mães de crianças que iam connosco, não são da nossa igreja, e uma terceira está connosco há pouco tempo e está-se preparando para o baptismo. Elas apreciaram imenso todo o programa. E quanto às crianças, não há palavras que possam explicar o seu contentamento e entusiasmo. Aliás, foram os Tições e Desbravadores do Cadaval que abriram a marcha contra o tabaco, percorrendo a cidade das Caldas da Rainha.

Para nós, foi importante participar, mas não podemos esquecer a maneira maravilhosa como o senhor agiu em nosso favor, abrindo todas as portas. Por isso Lhe estamos infinitamente gratos!

**Licínia Santos**

Tesoureira da Igreja do Cadaval e Responsável dos Clubes





religião do Estado. Quando, finalmente, o Império Romano ruiu e se desintegrou, dividindo-se em pequenas nações independentes (476 d.C.), a Europa foi ficando gradualmente submetida à jurisdição religiosa e política do governo papal. Aos imperadores romanos sucederam os papas.

### A Interpretação Aceite

Por mais de 300 anos, os comentaristas bíblicos protestantes haviam sido pioneiros na interpretação geral de certos elementos-chave das profecias de Daniel e Apocalipse.

Por exemplo, a “ponta pequena” apóstata, de Daniel 7 e 8, e o “rei” que opera segundo a sua própria vontade, de Daniel 11, têm sido identificados com o papado, em virtude das pretensões e perseguições desse poder político-religioso ao longo da Idade Média. Uma parte integrante desta linha de interpretação profética era a profecia do tempo simbólico dos três “tempos” e meio (Dan. 7:25; 12:7). Os comentaristas protestantes interpretavam este período (também identificado com os 1260 “dias” de Apocalipse 12:6 ou os 42 “meses” de Apocalipse 11:2) como o tempo de opressão do evangelho e seus seguidores. Muitos consideravam este período de tempo profético como o período da supremacia papal, de 533/538 a 1793/1798.<sup>5</sup>

LeRoy Froom observa que o princípio do ano-dia do cálculo profético também “veio a ser quase universalmente aceite pelos comentaristas cristãos”.<sup>6</sup> Além disso, era opinião comum entre os comentaristas europeus e americanos que o esboço profético de Paulo, em II Tessalonicenses 2, se tinha progressivamente cumprido na Roma pagã e papal.<sup>7</sup> Por mais de três séculos, os comentaristas bíblicos protestantes haviam concordado em que as trevas da Idade Média se ajustavam ao esboço das profecias apocalípticas de Daniel.

Ficava para o despertamento do Advento, do século dezanove, tanto na Europa como na América, desviar a atenção geral dos comentaristas cristãos de Daniel 7, com o seu foco nos simbólicos três tempos e meio, ou nos 1260 dias, da Idade Média, para Da-

niel 8, com a sua ênfase nos 2300 dias proféticos e no seu designado “tempo do fim” (Dan. 8:14, 17, 19).<sup>8</sup> O eixo crucial para a certeza de que o período dos 2300 anos, de Daniel 8, terminava mesmo em 1844 era a conclusão de que a data do seu início era idêntica à das 70 semanas de Daniel 9. Esta conexão tornou-se amplamente aceite no século dezanove.<sup>9</sup>

O método historicista requeria assim um conhecimento profundo tanto das Escrituras como da história.

Paralelo a este desenvolvimento na sua progressiva compreensão era a deslocação do foco de Apocalipse 13, com a sua besta perseguidora, para Apocalipse 14, com os seus anjos que voam anunciando a hora do julgamento e o fim do mundo.

### Tempo do Fim

A frase “tempo do fim” encontra-se apenas na secção apocalíptica do livro de Daniel (cinco vezes em Daniel 8-12). A singular expressão de Daniel não é completamente idêntica à frase familiar “os últimos dias” ou “os dias do fim”, a qual é usada 14 vezes pelos profetas do Velho Testamento. Enquanto os profetas clássicos normalmente ligam o seu próprio tempo e lugar com o futuro século do Messias, Daniel conduz os seus leitores a partir do seu tempo e ao longo das eras da história da redenção. Ele vai para além da morte violenta do Messias (Dan. 9:25-27) até ao aparecimento do anti-Messias, ou anticristo. Prediz também o juízo de Deus sobre esse poder do mal.

As sagradas visões de Daniel cobrem a história do povo de Deus tanto na velha como na nova dispensação. A sua singular característica é o aspecto de determinismo em relação ao período de tempo adjudicado à supremacia do anticristo. Neste contexto, Daniel usa o termo “o tempo do fim” para designar, não o fim do tempo, mas antes um momento indefinido do tempo que precede o julgamento final pelo Messias (Dan. 12:1) e a ressurreição dos mortos (verso 2).

O princípio deste “tempo do fim” apocalíptico final virá, contudo, no tempo designado (Dan. 11:35). Este ponto do tempo parece coincidir com

o completamento dos 1260 anos de domínio papal, em 1798 (Dan. 7:25), e com a conseqüente restauração, a começar em 1844, do pisado santuário da verdade, com o conhecimento do ministério sacerdotal de Jesus.

### Desselando o Fim do Tempo

As visões simbólicas de Daniel não foram plenamente entendidas pelo próprio profeta (Dan. 12:8) e não puderam ser compreendidas antes do tempo do fim ter chegado. O anjo-intérprete disse: “Tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo: muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará” (verso 4). [A versão inglesa diz: “O conhecimento se multiplicará”; a versão portuguesa dos Missionários Capuchinos, Lisboa, 1964, traduz também esta palavra por “conhecimento”, e a *Bíblia de Jerusalém* traz em nota de rodapé que o termo hebraico “significa conhecimento”.]

Ajuda-nos saber que em hebreu o artigo dedinado é dado com a palavra *conhecimento*, e que, por isso, indica que o conhecimento do livro de Daniel, livro que fora selado, deveria ser mais tarde compreendido no seu verdadeiro sentido.<sup>10</sup> Além disso, o anjo realça que “nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão” (verso 10). Um pouco antes, o anjo havia feito uma relação divina entre Daniel 8 e 9, através das 70 semanas de anos, em Daniel 9 (ver Dan. 9:22-24; Cf. 8:14).

É difícil fugir à conclusão de que Deus tenha escondido em Daniel 9 a 12 uma mensagem selada, ou codificada, com a intenção de ela ser exclusivamente para o tempo do fim. O propósito dessa mensagem seria preparar um povo para permanecer de pé diante de Deus, purificado de toda a falsa adoração [ou culto], e pronto para encontrar o seu Deus.

Se as visões proféticas de Daniel 8-12 apontam distintamente para o período que precede imediatamente o segundo advento de Cristo, então o desselamento das profecias apocalípticas de Daniel terá uma consequência prática. O aumento do conhecimento do livro de Daniel resultará

num verdadeiro reavivamento dos estudos apocalípticos e na renovação da esperança na proximidade do dia da libertação.

Froom disse de Daniel 12:4: “É obviamente uma previsão do ... reavivamento na exposição profética, que teve lugar com o despertar ocorrido no século dezanove, simultaneamente no Velho e no Novo Mundo.”<sup>11</sup>

E décadas atrás, James White havia feito notar que a promessa do aumento do conhecimento de Daniel 12:4 e 10 “não se referia ao progresso nas descobertas científicas, mas ao tema do fim.” Ele observara que “os verdadeiros sábios, os filhos de Deus, compreendem o tema sobre o qual, no tempo do fim, aumentará o conhecimento, ao passo que os ímpios, por mais sábios que sejam, não o compreendem. Os factos, neste caso, são ... contra a posição de que a declaração profética relativa ao aumento do conhecimento no tempo do fim tenha relação com as descobertas dos cientistas.”<sup>12</sup>

### Despertamento no Mundo Inteiro

A promessa de Daniel 12:4 aponta para o emocionante surgimento, no mundo inteiro, de um despertar da mensagem profética do fim do tempo, contida nas Sagradas Escrituras. O significado deste texto tornou-se claro para os cristãos logo que passou o ano de 1844, com a sua amarga experiência. Somente então compreenderam eles o significado da tríplice mensagem de Apocalipse 14.

Desde o princípio, os Adventistas do Sétimo Dia consideraram-se a si mesmos como reformadores, tendo como única plataforma fundamental a profecia bíblica. Como o povo remanescente de Deus, eles sentiram que eram responsáveis perante Deus, tal como o fora o antigo Israel, de iluminar o mundo inteiro com o evangelho em toda a sua plenitude. É sua vocação serem o último movimento do evangelho que restaura a fé apostólica e completa a Reforma no tempo do fim, sob o estandarte dos “mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apoc. 14:12; cf. 12:17).

Assim, Deus cuidou que a história e a profecia estivessem de acor-

do. E a profecia do Adventismo, nas palavras de Froom, era e é “o arco-íris da promessa, pintado pelos dedos de Deus”.

### Referências

1. Ver documentação em P. G. Damsteegt, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission* (Grand Rapids, William B. Eerdmans Pub. Co., 1977), p. 243.
2. Ver Damsteegt, capítulo II.
3. A. Pieters, *Studies in the Revelation of Saint John*, p. 43; citado em D. F. Newfeld, “Biblical interpretation in the Advent Movement”, em G. M. Hyde, ed., *A Symposium on Biblical Hermeneutic* (Washington, D.C., Review and Herald Pub. Ass., 1974), p. 112.

4. Ver LeRoy E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers* (Washington, D.C., Review and Herald Pub. Ass., 1946-1954).

5. Ver Froom, *Ibid.*

6. *Ibid.*, vol. 3, p. 11.

7. Ver *Ibid.*, vol. 4, caps. nas pp. 393, 397.

8. *Ibid.*, cap. 9.

9. *Ibid.*, pp. 389, 390.

10. Ver *Ibid.*, vol. 4, Apêndice A, pp. 1209, 1210.

11. *Ibid.*, p. 1209.

12. *Signs of the Times*, 22 de Julho de 1880, p. 330. Ver James White, *Bible Adventism* (Battle Creek, Mich., SDA Pub. Ass., reimpresso em Nashville, Southern Publ. Ass., 1972), pp. 70-76.

O Dr. Hans K. LaRondelle é professor de teologia na Universidade Adventista de Andrews, em Berrien Springs, Michigan.



## O Dom de Carlos

Talvez Carlos não fosse um menino mau, mas era, sem dúvida, um menino mal-comportado que causava grandes desgostos a seus pais. De facto, embora criado num lar cristão, as atitudes de Carlos deixavam muito a desejar. Era briguento com os irmãos, respondão e agressivo para todas as pessoas, e, além disso, não mostrava o menor interesse pela escola. Desesperados, os pais oravam a Deus para que lhes mostrasse como poderiam chegar ao coração de Carlos. Um dia receberam resposta à sua oração.

Era sexta-feira à noite. O gira-discos tocava uma bonita música de piano e violino e parecia que os dois instrumentos falavam um com o outro. Mas, de repente, o violino tomou o comando, falou, gemeu, cantou e pôs-se a chorar. A música era tão linda que um dos rapazes disse:

— Parece música do céu!

Deram então pela falta de Carlos.

— Carlos! Carlos! Onde se meteu o Carlos?

Foram dar com ele todo encolhido atrás da porta do seu quarto e... coisa estranha para aquele menino “durão”, estava a chorar!

— Que aconteceu, Carlitos? Alguém te fez mal?

Mas Carlos abraçou-se à mãe e escondeu no seu peito o rosto envergonhado. “A música...”, balbuciou ele.

Os pais compreenderam. Afinal, aquele menino, que parecia tão briguento e agressivo, tinha um coração extremamente sensível. A música quebrara o seu coração, a sua vontade, o seu exterior. O pai de Carlos afagou-o:

— Não tens nada de te envergonhar, Car-

los. Ser sensível à música é possuir um dom de Deus, pois a música é a linguagem dos anjos. Diz-me, gostarias de saber tocar música?

— Mas nós não temos piano...

— Não faz mal. Se Deus te deu o dom da música, como nós pensamos que te deu, Ele também nos dará um piano. Para Ele, isso é muito simples!

Carlos aprendeu a tocar piano e fez os seus estudos no conservatório, onde foi sempre um aluno brilhante. Mas o dom de Carlos não era propriamente tocar piano. Deus dera-lhe um dom maior: a sua voz! Carlos tornou-se um cantor-evangelista, isto é, alguém que usava a sua voz na igreja e em esforços de evangelização. Muitas pessoas foram tocadas por Deus através da sua voz, pois ela tornava o apelo do Evangelho tão profundo que parecia que era o próprio Jesus a chamar e a confortar. Quem o ouviu uma vez, nunca mais esqueceu o som vibrante, profundo e melodioso da sua voz.

Carlos teve outras responsabilidades na igreja, mas a música foi sempre a sua forma de expressão e a maneira como melhor serviu ao Senhor e ao próximo.

Há pessoas que têm dons escondidos. A maneira como se comportam não deixa adivinhar que têm dentro de si dons tão extraordinários, mas o futuro pode revelar-nos grandes surpresas. Talvez meninos que parecem briguentos e mal comportados venham um dia a descobrir os seus dons e a tornar-se verdadeiros instrumentos do Senhor, pondo ao Seu serviço os dons que Ele lhes deu.

M. R. Baptista



# A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Sagrada Escritura

O dia 10 de Dezembro de 1948 constitui uma das mais insígnias datas da História; uma data que devia ser recolhida na memória de cada pessoa que se diga respeitadora da dignidade humana. Nesse dia, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou e proclamou a Declaração Universal dos Direitos do Homem, exigindo a todos os Estados que reconheçam e assegurem os direitos que a pessoa humana possui — pelo simples facto de o ser —, direitos anteriores e superiores às ordens jurídicas que, com o rodar dos anos, se alcandoraram à Legislação de muitas sociedades nas mais diferentes partes do mundo.

Os direitos humanos, tal como estão consignados na Declaração Universal, relevam de questões da maior importância para a salvaguarda essencial dos legítimos anseios da Humanidade. Esses direitos estendem-se desde a vida, logo à sua nascença, até aos mais diferentes aspectos da existência humana, e culminam na perspectiva do homem perante a morte.

Aqueles que se interessam por estas matérias perguntam-se quais terão sido os antecedentes e a origem deste tão nobre pergaminho, o qual parece representar o apogeu da glória humana no âmbito das ciências sociais e do trato entre os homens. Alguns estudiosos procuraram na Antiguidade



de clássica essas origens remotas, mas não conseguiram um êxito significativo, e acabou por se concordar que a origem da Declaração Universal dos Direitos Humanos remonta aos tempos do Rei João-Sem-terra, de Inglaterra (1167-1216), quando da assinatura da Magna Carta.

Gostaria também que pensássemos na importância que tiveram nesta matéria outros documentos, como sejam o **Memorial ao Rei** e o **Manifesto ao Povo Inglês**, redigidos pelos representantes das 13 colónias inglesas da América do Norte, com a data de 26.6.1774, em pleno congresso de Filadélfia. E não podemos esquecer igualmente a **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**, votada em 1789 pela Assembleia Nacional Constituinte francesa, na qual se pretendia que a sua jurisdição normativa se tornasse supraconstitucional e fosse sujeita a aplicação universal.

Apesar destas referências históricas, que têm, sem dúvida, uma inequívoca razão de ser, nós, cristãos adventistas, conhecedores da Bíblia, não podemos deixar de reconhecer, e até mesmo com certa facilidade, que muitos séculos antes de quaisquer referências históricas que possamos citar, já se encontrava nas Sagradas Escrituras o registo desses Direitos que nos assistem como pessoas humanas e na nossa qualidade de filhos e filhas de Deus.

Vamos agora considerar alguns dos artigos da Declaração Universal dos Direitos do Homem e compará-los com as noções delineadas nos livros da Bíblia.

## Artigo I

**Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.**

## Artigo II

**Todo o homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.**

Pela prática vigente na Bíblia, e por certos princípios que nela encontramos claramente expostos, podemos considerar todo o ser humano numa perspectiva de igualdade com o seu semelhante: Actos 10:34-35 — “Reconheço na verdade, que Deus não faz distinção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo.” O Senhor trouxe a Humanidade à existência a partir de um só homem. Todos temos o mesmo tronco comum; a mesma raiz. Por isso nos assiste a mesma razão, em termos de dignidade, de responsabilidade e de direitos: Actos 17:26 — “E, de um só, fez toda a geração dos homens, para habitar sobre a terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação.”

Quanto ao espírito de fraternidade que devia reger as relações entre os homens, encontramos-lo registado muito amiúde nas Escrituras. Relembramos alguns exemplos: “Não te vingará nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lev. 19:18). “Pelo que, amareis o estrangeiro, pois fostes estrangeiro na terra do Egipto” (Deut. 10:19). Passemos agora ao Novo Testamento: “Amarás ao Senhor teu Deus, que é o primeiro e grande mandamento, e o segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:29); “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (João 15:12); “Que o Senhor faça abundar em amor uns para com os outros, e para com todos, como também abundamos para convosco” (I Tess. 3:12).

Notemos agora os artigos VII, X e XII da Declaração Universal:

## Artigo VII

**Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção a igual protecção da lei.**

A Bíblia reconhecia a igualdade dos cidadãos perante a lei: “Uma mesma lei haja para o natural e para o estrangeiro, que habitar entre vós” (Êxodo 12:49). Mais tarde, em outras circunstâncias, o princípio de

igualdade perante a lei é claramente manifestado: “Uma mesma lei tereis; assim será o estrangeiro como o natural” (Lev. 24:22). As leis obrigam não só os pobres, ou indefesos, ou os estrangeiros, mas também os ricos e os poderosos no seio da sociedade. Que disse Jesus ao mancebo rico e douto? Disse-lhe: “Que está escrito na lei?” Que disse João Baptista ao rei Herodes, a propósito das relações que ele tinha com a cunhada? “Não te é lícito possuí-la”, isto é, não é legal, não é conforme a lei. Na alçada da lei caíam também os sacerdotes (classe influente e poderosa) e foi o caso de Hophni e Phineas, citados em I Samuel, 2:12 e 13. A igualdade perante a lei é um facto assente à luz das Sagradas Escrituras.

## Artigo X

**Todo o homem tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir os seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.**

As Sagradas Escrituras mostram-nos a existência de tribunais presididos por pessoas de grande prestígio e que no respeito pelas leis vigentes, em audiência pública, tomavam as decisões que se impunham no plano da justiça, ora absolvendo, ora condenando. Os membros da sociedade conheciam muito bem as leis que regulavam a conduta da comunidade: “E declara-lhes os estatutos e as leis, e faze-lhes saber o caminho em que devem andar, e a obra que devem fazer” (Êxodo 18:20). Quando essas leis eram infringidas, surgia o julgamento nos termos mencionados nas linhas anteriores, mas cuja menção não justifica que passemos por alto os textos bíblicos: “homens capazes e tementes a Deus” que julgarão o povo em todo o tempo (Êxodo 18:13-25).

## Artigo XII

**Ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou na sua correspondência, nem ataques à sua**

**honra e reputação. Contra tais intromissões ou ataques toda a pessoa tem direito à protecção da lei.**

As leis bíblicas contemplavam o direito do indivíduo à sua vida privada e o conseqüente castigo àqueles que pusessem em causa esse direito; assim como o direito à protecção de qualquer membro da comunidade perante os falsos testemunhos e perseguições, surgissem elas no plano individual ou fossem de índole colectiva. Encontramos nas Escrituras vários textos que sublinham os princípios que estamos a considerar. Vejamos alguns exemplos: “Não admitirás falso rumor, e não porás a tua mão no ímpio, para seres testemunha falsa. Não seguirás a multidão para fazeres o mal; nem numa demanda falarás tomando parte com o maior número para torcer o direito. De palavras de falsidade te afastarás.” (Êxodo 23:1, 2, 7). “Não sejas testemunha sem causa contra o teu próximo. Martelo, espada e frecha aguda é o homem que levanta falso testemunho contra o seu próximo” (Prov. 24:28; 25:18).

## Artigo XXIII

**Todo o homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de protecção social.**

Vivemos hoje numa sociedade onde a concertação social exerce um papel relevante, e, por vezes, decisivo, no nosso quotidiano. Por isso é admirável que este artigo da Declaração Universal pugne pelo direito do indivíduo a um salário justo e satisfatório, que permita ao agregado familiar uma vida estabelecida em caminhos estáveis e decentes. Reparemos como a Bíblia se antecipa no reconhecimento deste direito à pessoa humana, pois que ela vai ao ponto de não só estipular um salário justo, mas também que ele seja pago no momento próprio. Consideremos então alguns textos: “Digno é o trabalhador

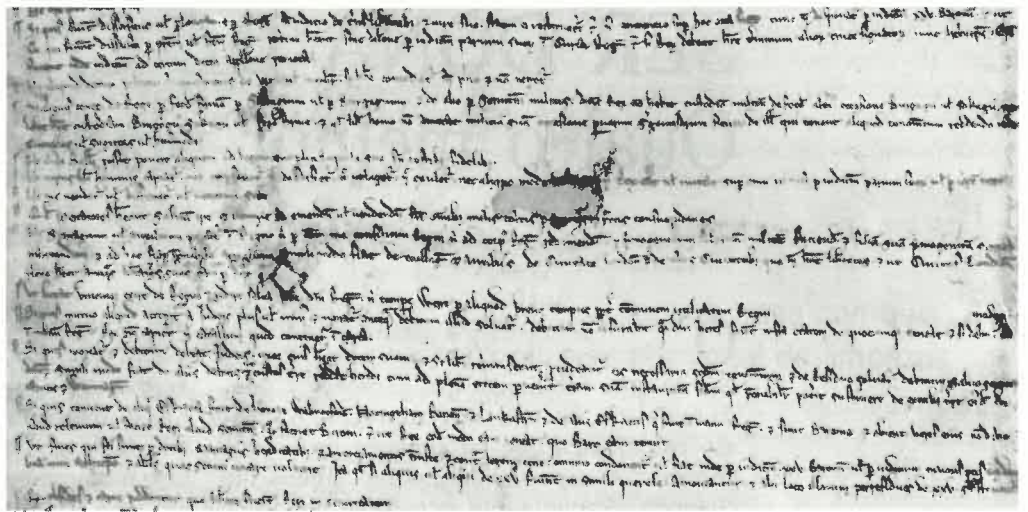


do seu salário” (I Tim. 5:18); “O salário dos que ceifaram os vossos campos foi defraudado por vós, e clama: e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos” (Tiago 5:4); “Virei ter convosco para julgar as vossas questões e serei uma testemunha contra os ... que oprimem o trabalhador” (Mal. 3:5); “Ai daquele, que edifica a sua casa com a injustiça e os seus salões com a iniquidade. Ai daquele que obriga o seu próximo a trabalhar sem paga e lhe recusa o salário” (Jeremias 22:13); “Não explorarás o trabalhador pobre e necessitado, quer seja um dos teus irmãos, quer um dos estrangeiros que estão na tua terra” (Deut. 24:14); “No seu dia lhe darás o seu salário, e o sol não se porá sobre isso, para que não clame contra ti ao Senhor e haja em ti pecado” (Deut. 24:15); “A paga do jornaleiro não ficará contigo até ao dia seguinte” (Lev. 19:13).

## Artigo XXIV

**Toda a pessoa tem direito ao repouso e lazer, inclusive a limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas remuneradas.**

Nos 10 mandamentos — código por excelência — reconhece-se ao homem o direito ao repouso. O Sábado não foi concedido somente como dia de culto e de adoração: foi-o também como um período de tempo durante o qual o homem podia refazer as suas forças: “E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou e nele descansou de toda a obra que tinha feito.” A Bíblia está repleta de alusões a outros espaços de tempo durante os quais os trabalhadores cessavam os seus trabalhos e dedicavam-se ao descanso e à recreação salutar. Ficou célebre aquele instante em que Jesus se voltou para os Seus discípulos e lhes disse: “Vinde aqui à parte, e repousai um pouco.” Alguns textos bíblicos que são raramente lidos apontam nesta mesma direcção. É o caso de: “Seis dias farás os teus negócios, mas



Texto da «Magna Carta». A Lei de Deus é a Magna Carta para a Humanidade. (Museu Britânico)

ao sétimo dia descansarás para que tome alento o filho da tua serva e o estrangeiro” (Êxodo 23:12); “Seis dias trabalharás, mas ao sétimo dia descansarás; na aradura e na sega descansarás” (Êxodo 34:21); “... sábado do descanso, nenhuma obra fareis” (Lev. 23:3). É verdade que não chegámos, nesta época, ao ponto de se poder constatar legislação sobre férias remuneradas e periódicas, mas a insistência no repouso legítimo e salutar é tão característica que podemos descortinar esse princípio de certo modo implícito nestas declarações. Realmente, a Bíblia enaltece o direito do homem ao descanso como elemento essencial no decurso da existência humana.

## Artigo XIV

**Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo noutros países.**

Efectivamente, o direito de asilo encontra-se consagrado nas leis dum grande parte de países, constituindo um amparo contra a perseguição em períodos conturbados ou revolucionários, quando a segurança das pessoas é ameaçada dum forma arbitrária por motivos políticos, devendo este asilo durar o tempo estritamente necessário para a eficácia da protecção.

Encontramos a génese deste direito igualmente nas Sagradas Escrituras, como podemos constatar em diversos textos, tais como: I Reis 1:50;

2:28; Deut. 4:41-43; 19:1-13; Josué 20:1-9; Números 35:9-12, e entre todos salientamos o último: “Escolheis cidades próprias para vos servirem de asilo; elas vos servirão de asilo contra o vingador de sangue; estas cidades servirão de refúgio aos filhos de Israel, aos peregrinos e a qualquer outro que habite no meio de vós.”

Depois destas reflexões, podemos concluir que os homens do século XX chegaram à elaboração dum documento de excepcional valor, como é, de facto, a **Declaração Universal dos Direitos do Homem**, mas uma declaração ainda mais relevante é aquela que se prende com esta sublime realidade: Tantos artigos fundamentais da Declaração Universal já se encontram consignados na Bíblia há muitos e muitos séculos. Naturalmente que não podemos deixar aqui de lamentar que os homens do passado não tenham manifestado o devido interesse pelas Escrituras, de modo a que o reconhecimento universal dos direitos do Homem pudesse ser datado não de 1948, mas sim de muitos séculos antes de Cristo. Insistimos no facto de que as leis que foram publicadas há tão poucas décadas, com tanta dificuldade, e diria mesmo, com oposição frontal, já há 3.000 anos jaziam brilhando nas páginas inspiradas. Sirva-nos de grande satisfação esta preciosa realidade, e que ela nos possa ajudar cada vez mais na compreensão e estima pela Palavra de Deus.

*José Manuel de Matos é pastor das igrejas de Ermesinde e Matosinhos.*

# SER DONA DE CASA: Qual o melhor plano a seguir?

## 2ª PARTE

*Como manter  
a casa em ordem  
e conservar a boa  
disposição*

Quando uma mulher trabalha fora de casa e, além disso, tem também que cuidar de uma família, o que acontece é que, na realidade, ela tem dois empregos. A pressão psicológica que tal situação provoca é enorme. A supermulher, como alguns lhe chamam, é aquela que se esforça por fazer tudo e que nem sempre pode contar com o auxílio do seu companheiro, ou da sociedade. A verdade é que, por detrás da fachada jovial de uma supermulher, é mais provável que encontremos uma mulher sofrida, esgotada e gasta.

Idealmente, marido e mulher são uma equipa que partilham o trabalho de cuidar do lar. (A forma como maridos e filhos podem ajudar constituiria tema para um outro artigo.) Todavia, em lares onde esse conceito está ainda em vias de formação, o trabalho doméstico recai grandemente sobre a mulher. Nesse caso, como pode tornar-se mais fácil este trabalho? Ou mais eficiente?

Os peritos em economia doméstica dizem-nos que 60 por cento do stress provém da desorganização! Na primeira parte deste artigo falámos de três técnicas organizacionais que, sei por experiência própria, podem ajudar na gestão de um lar.

1. Elaborar um plano de trabalho diário — uma sequência de tarefas do lar, “maiores” e “menores”, a serem feitas cada dia da semana.

2. Mencionámos o “milagre dos 5 minutos”, que têm como objectivo dar um ar arrumado à casa, de manhã, antes de sairmos para o trabalho, ou à noite, antes de nos deitarmos.

3. Tenho sempre comigo um “escritório portátil”: é uma agenda que organizei em diversas secções, e onde anotei todas as informações que me podem ser úteis.

Eis agora mais quatro princípios que têm ajudado a minha família a viver melhor, de maneira simples mas elegante.

### Segredo n.º 4

#### Planifique as refeições da Família

Depois de um dia exaustivo em casa, com duas crianças pequenas, Sara vai até à cozi-

nha e olha para o frigorífico e para os armários. No fundo, o seu desejo era que os ingredientes se organizassem magicamente e se transformassem numa refeição atractiva e nutritiva. Mas como isso não acontece, no preciso momento em que o marido está a entrar em casa, Sara decide-se por uma sopa instantânea.

Joana trabalha num escritório. À medida que a hora de sair se aproxima, Joana não pára de pensar no “que farei hoje de jantar”. Rotina. Ela não quer passar pelo supermercado porque isso a atrasa. Os miúdos estão fracos, precisam de ser alimentados convenientemente e já devem estar em casa esfoameados. Joana já está angustiada. Mas que fazer?

É tão simples: planejar as refeições com antecedência! É a melhor maneira de resolver a situação!

Pesquisas feitas em diversos hotéis revelaram que um cozinheiro médio prepara apenas 10 pratos básicos, e isto dia após dia, mês após mês. Então, porque não seleccionar os nossos melhores 20 pratos — a que chamaríamos “conduto” ou “prato principal” —, escrevê-los em cartões e colocá-los apenas ao livro de receitas que adquirimos recentemente? Depois poderemos fazer o mesmo a 15 pratos secundários — ou de acompanhamento — e a ideias de sobremesas. Pessoalmente, e para tornar mais interessante e agradável este trabalho, comprei cartões próprios para escrever as minhas receitas básicas e usei tinta de cores diferentes. O meu livro ficou colorido e bem organizado.

Com as receitas à nossa frente, é muito fácil organizar as refeições. Numa folha de papel, escrevemos em três colunas, ao alto, as palavras: “pequeno-almoço”, “almoço” e “jantar”. No lado esquerdo da folha, indicamos os sete dias da semana. À frente do dia respectivo, vamos indicando o que se vai comer ao pequeno almoço, ao almoço e ao jantar, incluindo os pratos favoritos da família.

Uma tal planificação não tem de ser rígida, mas vai facilitar-nos a elaboração da lista de compras. Basta ver quais os ingredien-



tes que temos em casa e quais aqueles que precisamos de comprar.

À primeira vista, um plano destes pode parecer uma perda de tempo, mas o certo é que ele pode reduzir o tempo que gastamos em compras na mercearia, na praça ou no supermercado. É infinitamente mais fácil e rápido preparar as refeições quando já temos todos os ingredientes em casa. Por outro lado, ao reduzir o número de vezes que temos de ir às compras, poupamos também dinheiro. Os peritos dizem que uma dona de casa que fizer uma planificação antecipada das refeições poderá poupar cerca de 10% do que habitualmente gasta em comida, o que é bastante considerável. Se a planificação das refeições é útil em qualquer casa, ela é essencial para a mulher empregada.

### Segredo n.º 5:

#### Deite fora o que já não tem utilidade

O maior problema de quem tem de arrumar uma casa é acabar com a desordem e os objectos inúteis que naturalmente se vão acumulando ao longo dos anos. E existem por toda a parte! Medicamentos fora de prazo. Recipientes de cosméticos que já se não usam, ou que secaram. Embalagens vazias. Peças sobresselentes de utensílios que já não temos há mais de dez anos. Pratos, chávenas e biblôs quebrados. Colchas, cortinas e tapetes velhos, ou pertencentes à casa que tivemos antes. Pilhas de revistas, que já não lemos, e de jornais velhos. Roupas que precisam de ser cosidas ou arranjadas.

Calcula-se que um terço de tudo o que possuímos são coisas que não usamos. Ora, é chegado o momento de avaliar se as coisas que temos no nosso lar são dignas do nosso tempo. Façamos a seguinte pergunta: “Este objecto é-me tão necessário que justifique o tempo e a energia que gasto para conservá-lo?”

Organizar-nos, aprender a gerir o nosso tempo e a usar métodos profissionais de limpeza são coisas incompatíveis com a acumulação de coisas velhas e inúteis.

Até as Escrituras nos falam deste assunto: “Há tempo para todo o pro-

pósito debaixo do céu: Há tempo de nascer, e tempo de morrer .... Tempo de chorar, e tempo de rir .... Tempo de guardar, e tempo de deitar fora” (Ecl. 3:1-6).

Lancemos, pois, fora tudo aquilo que já não tem utilidade. Simplifiquemos a nossa vida. A tendência é guardar demasiadas coisas pelo simples facto de as termos, ou de nos terem sido dadas. Mas a verdade é que *uma coisa que não for usada dentro de dois anos, o mais provável é que nunca mais o seja.*

Eis como retirar da vossa casa tudo aquilo que não tem utilidade:

- Coloque etiquetas em quatro grandes recipientes: (1) “Deitar fora”; (2) “Dar ou vender”; (3) “Armacenar”; (4) “Guardar por razões sentimentais”.



- Esvazie frequentemente a primeira caixa sem se deter a pensar em que talvez um dia precise disto. Aquilo que é para dar, leve, sem demora, às Dorcas ou ao Exército da Salvação. Se há alguma coisa que deseje vender, pois faça-o o mais depressa possível. Aquilo que é para guardar noutra casa deve ser anotado na nossa agenda para se proceder ao seu transporte o mais depressa possível.

- As coisas de que não quer desfazer-se, depois de arrumadas e etiquetadas, devem ser guardadas num sítio apropriado: despensa, garagem, arrecadação, etc. E um ano mais tarde, o melhor é deitar tudo fora sem sequer abrir a caixa!

- Arrume de cada vez um quarto ou cómodo da casa, pois estas arrumações não podem ser feitas todas de uma vez. Limpar uma casa de velha-

rias e coisas inúteis leva em média seis semanas. É bom reservar um dia por semana para tais arrumações, e fazê-las regularmente, ou então corremos o risco de nos encontrarmos um dia num verdadeiro monte de sucata.

### Segredo n.º 6:

#### Limpar a casa como um profissional de limpeza

Um serviço profissional de limpeza é capaz de limpar a superfície de uma casa de três quartos de cama e outras divisões, não atulhadas de móveis, velharias e coisas inúteis, em menos de quatro horas. Nós também o poderemos fazer, se soubermos como proceder.

- *O primeiro e mais prudente passo, no que respeita à limpeza, é a prevenção — manter a sujidade afastada.* Por exemplo: uma vez que cerca de 20 quilos de pó e sujidade são anualmente trazidos para uma casa de três quartos de dormir, através dos sapatos e roupas, faz sentido desfazermo-nos dessa sujidade antes de ela penetrar em casa. Se colocarmos tapetes acrílicos em todas as entradas da casa, isso ajudará a eliminar a sujidade antes de entrar em casa. Se for uma casa térrea, com escadas, o ideal seria que os tapetes, ou passadeiras, ocupassem três ou quatro degraus. Os tapetes de fibras de nylon criam uma carga estática que ajuda a repelir a poeira e a sujidade dos sapatos.

- *Outros métodos simples de prevenção.* Deve comer-se apenas nas áreas designadas para esse efeito. E do mesmo modo, devem limitar-se os trabalhos domésticos ou de arranjos às suas áreas específicas. É importante limpar a banheira ou chuveiro após cada uso. Os quartos das crianças também podem ser arranjados de forma a tornar fácil a sua arrumação e limpeza. Algumas sugestões: uma cama com um lençol e um edredon que serve de cobertor e colcha; um cesto para roupa suja, em cada quarto; um cesto para papéis, em cada quarto; um guarda-roupa à altura das crianças, para que possam chegar-lhe com facilidade; gavetas ou armários para colocarem a roupa dobrada; lugares pa-

ra arrumarem os brinquedos, livros, carros, lápis, jogos, etc. A rotina diária das crianças deveria incluir também uma breve arrumação de cinco minutos antes de se deitarem e, de novo, antes de saírem de manhã para a escola.

• *São necessários utensílios e materiais de limpeza apropriados.* Nem sempre os podemos encontrar no supermercado junto de nossa casa. É preciso procurá-los em lojas especializadas e é importante que sejam realmente da melhor qualidade possível.

Uma das razões porque os profissionais limpam mais depressa do que as outras pessoas tem a ver com os *panos de limpar*. Muitas de nós usamos pedaços de roupas velhas para limpar o chão. Mas isso não é o melhor. Durante anos os fabricantes lutaram por criar um pano de limpeza que repelisse os líquidos e manchas, e conseguiram-no. É por isso que pijamas velhos, lençóis usados, toalhas gastas e camisolas rotas não dão bons panos de limpeza.

Portanto, fora com os trapos velhos. Limpemos a casa com panos apropriados! Há mesmo materiais destes que são descartáveis: fazem umas tantas limpezas e deitam-se fora. Mas aqueles que se usam, depois de usados, devem ser lavados, secos e arrumados junto aos produtos de limpeza.

• *Use produtos adequados.* Produtos inadequados podem arruinar o chão, as carpetes, as superfícies de madeira, os móveis antigos, etc. O conselho de um amigo, mas que não é um profissional — pode arruinar objectos de estimação.

Pode economizar-se dinheiro e tempo, e até espaço nas prateleiras, se se comprar um produto de limpeza concentrado, que sirva para tudo. Basta dissolvê-lo depois nas proporções adequadas aos fins em vista. Prateleiras cheias de produtos de limpeza são outro impecilho que às vezes precisa de “limpeza”. Produtos concentrados servem melhor e acabam custando menos 80 por cento.

## Segredo n.º 7:

### Torne a Vida Bela, Alegre e Elegante

O “princípio 95-5” diz que nós gastamos 95 por cento do nosso tempo e dinheiro extra em apenas 5 por cento

das nossas vidas. Por exemplo, algumas pessoas gastam 95 por cento do seu tempo e dinheiro extra em divertimentos, férias e acontecimentos especiais, como aniversários e feriados. Este princípio deveria ser invertido. Façamos as nossas *vidas diárias* mais agradáveis, em vez de reservar a alegria e o entretenimento apenas para ocasiões especiais.

Isto pode fazer-se criando rituais. A maneira e o momento de executarmos os nossos trabalhos domésticos do dia-a-dia pode fazer deles algo de aborrecido ou de especial. Eu descobri que há tarefas aborrecidas que podem tornar-se mais agradáveis, especiais e até divertidas.



• Por exemplo, poucas de nós gostam de limpar as casas de banho. Contudo, é provável que tenhamos de limpar casas de banho até o Senhor vir. Mas mesmo este trabalho pode tornar-se relativamente agradável se lhe juntarmos os detalhes adequados: um pouco de spray perfumado, uma vela de bom cheiro, ou se colocarmos uma simples flor numa pequena jarra. Podemos também pôr na casa de banho uma coisa de que gostemos muito, apenas por amor da beleza, e depois reflectir sobre aquele nosso tesouro: como nos foi dado, ou como o adquirimos.

\* Um terço das nossas vidas é passado no quarto de dormir. Não nos limitemos a fazer a cama, e correr imediatamente para fora do quarto. Dado que é um quarto destinado ao descanso e à intimidade, no seu arranjo e manutenção deveria imperar o bom gosto, e os momentos que lhe dedicamos deveriam ser-nos agradáveis e proporcionar-nos um certo repouso.

Ultimamente redcorei o nosso quarto de dormir. Não mudei os mó-

veis, mas escolhi, com o maior cuidado, novos tapetes, cortinas, papel da parede e todos os acessórios. As cores são suaves e calmantes. Através dos anos, eu fui descobrindo que há certas coisas que fazem com que um quarto de dormir se torne para mim muito especial: uma almofada de renda, vários chapéus vitorianos de folhos, uma bonita taça de “potpourri” [mistura de pétalas de rosa e outras flores secas que exalam um aroma leve e agradável], uma luz muito suave...

\* Se come sozinha, em vez de usar um prato velho, use um lindo prato decorativo. Ponha a sua mesa de modo a ficar atractiva, com uma toalha, ou serviço de mesa individual, de cores alegres. *Você é especial:* merece o esforço! Há pequenas coisas, como estas, que melhoram a qualidade das nossas vidas diárias.

\* Se incorporarmos à nossa vida do dia-a-dia este conceito de que somos especiais, poderemos tratar mais graciosamente as nossas famílias.

Nós só temos uma determinada quantidade de tempo. Podemos viver de uma maneira vulgar, ou podemos decidir viver o mais agradavelmente possível, a despeito das circunstâncias. É mais fácil viver de maneira comum, porque uma vida elegante e graciosa requer pensamento e esforço. A escolha é nossa.

Ao juntarmos um toque especial às rotinas da nossa vida diária, nós fazemos uma declaração pessoal sobre nós mesmas: de que damos valor a nós próprias, à nossa família, ao nosso tempo, ao nosso lar, às coisas materiais que Deus nos dá nesta vida. E isso proporciona-nos um maravilhoso sentimento de bem-estar.

Quando tomamos tempo para tornar mais gratificantes as pequenas coisas da nossa vida diária, os nossos desapontamentos e pressões de fora do lar tornam-se mais fáceis de suportar. Se conseguirmos acrescentar um toque de beleza, de alegria e de elegância às nossas vidas, tantas vezes sujeitas ao stress e à fadiga, então estaremos no bom caminho para as tornar mais agradáveis e felizes.

*Nancy L. Van Pelt, de Fresno, Califórnia, é diplomada em Economia Doméstica e tem ensinado “Organização Doméstica” em vários seminários. É também autora de 17 livros que estão traduzidos em dez línguas.*